

---

## IMAGENS DE MULHER: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA OBRA *ATIRE EM SOFIA*, DE SÔNIA COUTINHO

Images of Women: Representation and Identity  
in the Novel *Atire em Sofia* (Shoot Sofia), by Sônia Coutinho

Nêmia Ribeiro Alves Lopes<sup>1</sup>  
Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo acerca da representação feminina na literatura é um campo que aponta para diferentes perspectivas e condições sociais nas quais a mulher se inseriu ao longo dos tempos, sendo possível encontrar as evidências da subjugação sofrida por estas em diferentes aspectos e manifestações literárias. As personagens femininas de Sônia Coutinho oferecem uma gama considerável de material para refletir sobre a condição feminina e suas formas de representação e identidade. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a representação das personagens do romance *Atire em Sofia* (1989) especialmente a protagonista Sofia. O estudo será feito com base em discussões e abordagens da teoria feminista propostas por Zolin (2009), bem como as noções de representação e identidade apresentadas por Chartier (2012), Woodward (2006), Silva (2006) e Hall (2006).

**PALAVRAS- CHAVE:** Representação; Identidade; Mulher; *Atire em Sofia*; Sônia Coutinho.

**ABSTRACT:** Studies about female representation in literature is a field that points to different perspectives and social conditions in which women were inserted throughout the ages, and it is possible to find evidence of the subjugation suffered by these women in different aspects and literary manifestations. The female characters of Sônia Coutinho offer a considerable range of material to reflect on the feminine condition and its forms of representation and identity. Thus, the purpose of this article is to analyze the representation of the characters in the novel *Atire em Sofia* (Shoot Sofia, 1989), especially the protagonist Sofia. The study will be based on discussions and approaches of feminist theory proposed by Zolin (2009), as well as the notions of representation and identity presented by Chartier (2012), Woodward (2006), Silva (2006) and

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano- IF Baiano.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Literatura Brasileira UFMG (2018). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado e do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros. Membro da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH).

Stuart Hall (2006).

**KEYWORDS:** Representation; Identity; Women; Atire em Sofia (Shoot Sofia); Sônia Coutinho.

Falar sobre a mulher na literatura brasileira nos remete à crescente demanda da crítica feminista em se pensar os contextos de autoria e representação produzidos ao longo da história do cânone literário, em grande parte, submerso em uma ideologia androcêntrica. Neste sentido, discutir e registrar as produções de autoria e representação feminina se destaca como um meio para resgatar a memória e atuação das mulheres na literatura.

Ao pensarmos a relevante produção de autoria feminina no Brasil, nos remetemos à autora baiana Sônia Coutinho, que desde os vinte anos de idade já publicava em periódicos de Salvador. Em 1961, quando ainda estudante, publicou em conjunto com outros autores a coletânea de narrativas curtas *Reunião*. Mais tarde, em 1966, estreia em obra solo com o título *Do Herói Inútil*, se destacando posteriormente, em especial, por sua produção contística. Nesta linha, em 1971, publicou *Nascimento de uma Mulher* e, em 1976, *Uma Certa Felicidade*. Em 1977, venceu o prêmio *Status* de Literatura com o conto “Cordélia, a Caçadora”, que integrou o livro de contos intitulado *Os Venenos de Lucrecia* (1978), este vencedor do prêmio Jabuti em 1979. Em seguida, publicou *O jogo de Ifá* (1980); *O Último Verão de Copacabana* (1985); *Atire em Sofia* (1989); *O Caso de Alice* (1991) e *Os Seios de Pandora: uma aventura de Dora Diamante* (1998).

A considerável produção de Coutinho aborda de maneira primária a condição da mulher, com personagens imersas em dilemas e angústias em espaços sociais imbricados pelo discurso patriarcal. Suas protagonistas se deslocam em cenários diversos trazendo à tona reflexões sobre qual o papel da mulher e, particularmente, o que é ser mulher em meio à sociedade em que estão inseridas.

A atenção a um projeto literário voltado para a condição feminina é declarada pela própria autora, como expõe em entrevista concedida à repórter Eliane Levi de Souza para o *Jornal o Globo*, em que Coutinho diz:

[a] mulher aparece como criação do homem desde a mitologia grega, só mais recentemente é que a sua história começa a ser contada, quando ela deixa de ser objeto para ser sujeito. Em meus livros, falo muito da mulher na cidade grande, sozinha, com vontade de estar só, na sua tentativa de viver por conta própria e encontrar a sua identidade. É esta vontade de fazer valer os seus direitos, de ser pessoa que me parece nova e deve ser mostrada na literatura feminina. (SOUZA, 1985, p. 5)

Quer representadas enquanto controladoras de suas próprias vidas, quer vivendo os dilemas da mulher inserida em um sistema patriarcal ou tentando superá-lo, as personagens de Coutinho fazem refletir sobre a condição feminina e sua representação. Dessa maneira, este artigo objetiva discutir a representação da mulher no primeiro romance de Sônia Coutinho, *Atire em Sofia* (1989), particularmente a partir da protagonista Sofia do Rosário.

Ao tratar da representação feminina, a obra aborda as incertezas e o papel social da mulher *liberta* em meio à sociedade dos anos oitenta, que ainda possui traços do discurso patriarcal. Procurando uma reflexão a partir da perspectiva da crítica feminista, trazemos Lúcia Ozana Zolin (2009), em “Crítica Feminista”, para a discussão, quando se trata de ler a literatura voltada para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, além de divulgar posturas críticas por parte de escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, silenciaram as mulheres (ZOLIN, 2009). Além disso, a crítica efetua a recuperação e a interpretação de narrativas de vida da mulher a partir do próprio ponto de vista destas, sendo possível apreender o contexto social de onde as narrativas emergem, permitindo um acesso privilegiado à vivência e à experiência da mulher.

Em *Atire em Sofia*, é apresentada a vida de um grupo de amigos que costumava se reunir na década de 1960. Todavia, a narrativa vem ser contada cerca de vinte anos depois, por meio das memórias dos personagens. Neste romance, temos diversas mulheres que vão expor a condição social e ideológica à qual estavam submetidas no ínterim em que transcorre a história. Isso pode ser observado por meio de três gerações distintas de mulheres presentes na obra, que são a geração da mãe de João Paulo e a mãe de Sofia; a geração da própria Sofia, personagem central da obra; e a de suas filhas, em especial, Milena. Tais gerações evidenciam experiências e conflitos distintos em seus respectivos tempos sociais, levando a uma compreensão do desenvolvimento gradual da vida da mulher naquele meio. É nesta perspectiva que a crítica Rosana Ribeiro Patrício, em *As Filhas de Pandora: imagens de mulher na ficção* de Sônia Coutinho (2006), aponta a influência do contexto social para o discurso coutiniano e destaca a relevância da autora para se pensar o contexto nacional de escrita das mulheres, assim como de suas representações (PATRÍCIO, 2006). Tal fato é corroborado por Elódia Xavier em “Narrativa de Autoria Feminina na Literatura Brasileira: as marcas da trajetória” (1999), ao afirmar que as produções de Coutinho são bem representativas da crise da mulher em uma sociedade alicerçada por valores patriarcais, que se vê nos anos 1980 diante de grandes transformações

(XAVIER, 1999, s.p).

Ao refletirmos sobre a questão da representação, gênero e identidade, vemos por meio de Teresa de Lauretis em “A Tecnologia do Gênero” (1994), ao discutir sobre as produções feministas e práticas culturais dos anos de 1960 e 1970, que o conceito de gênero se encontrava no centro da crítica de representação, já que a construção da noção gênero/sexo é um elemento chave para propagação das ideologias do sistema patriarcal (LAURETIS, 1994, p. 206). Este sistema tratou de engendrar, no pensamento social e nas famílias, a dominação masculina e o fechamento do espaço de manifestação feminina. Lauretis ressalta que uma vertente menos universalizante do ser se desponta na literatura, com maior ênfase a partir dos anos 1980, sob a influência das discussões e conquistas feministas de décadas anteriores. É neste âmbito que se insere o romance *Atire em Sofia*, de Sônia Coutinho, como uma escrita feminista, preocupada com o lugar de fala legado à mulher no contexto social brasileiro, a partir de um olhar feminino e sobre a mulher no contexto urbano das cidades do Rio de Janeiro e Salvador, tratadas na obra.

Em meio a esta temática, é importante considerar os avanços desencadeados pela crítica literária feminista, bem como pelo movimento feminista engajado com o pensamento político e social que, dentre outros aspectos, desvinculam ou revelam a verdadeira faceta da imagem de mulher que esteve, predominantemente, conectada ao discurso histórico masculino e burguês. Assim, é trazida uma forma de expressão do ponto de vista dos próprios sujeitos femininos, como propõe Zolin (2009):

[a] considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. O resultado, sinalizado pelas muitas pesquisas realizadas no âmbito da Crítica Feminista desde os anos 1980 no Brasil, aponta para a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. (ZOLIN, 2009, p. 2)

A partir dessa proposta, a noção de representação é ampliada, em especial, apontando a diversidade de facetas sociais, por meio de produções sob a perspectiva da mulher. Neste sentido, a crítica tem refletido sobre seus vieses, sobretudo, no que se refere à relação entre o texto e seu contexto. O

conceito de representação possui significações múltiplas, como na perspectiva de Stuart Hall em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006), para o qual a representação atua simbolicamente no intuito de classificar o mundo e nossas relações em seu interior; ou de acordo com Roger Chartier em “O um do como Representação” (2002), que a define como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar como ele é” (CHARTIER, 2002, p. 74). Sendo assim, podemos considerar a representação como variável, de acordo com os grupos ou classes que a constroem.

Chartier (2012) propõe que uma via de mão dupla se estabelece neste campo, já que, por um lado, existe a relação de forças entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear os sujeitos e, por outro, a que cada grupo faz de si mesmo. Neste sentido, é significativa a escrita de autoria feminina, pois possibilita a desconstrução de uma imagem de mulher estereotipada que foi estabelecida ao longo dos séculos na literatura canônica, de produção predominantemente masculina.

Ao pensarmos a literatura de autoria feminina, representação e identidade se cruzam, já que, conforme propõe Kathryn Woodward (2006) em “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”:

[a] representação compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2006, p. 18 )

Embasados nesta noção de Woodward, consideramos que dentro de um sistema simbólico, como um processo cultural no aspecto social, a mulher é interpretada pelo homem e se interpreta em cada sociedade e épocas distintas, cabendo considerar o sistema que a define em períodos específicos. Sendo assim, um aspecto presente no romance contemporâneo que marca a tentativa de se construir uma representação sob o olhar da própria mulher é a temática da volta às origens, característica, também, presente na obra de Sônia Coutinho, em que o discurso em tom memorialístico funciona como recurso de constante criação e transformação das imagens, contribuindo para a tomada de consciência de si e conseqüente construção da identidade

feminina.

Woodward apresenta a identidade como relacional, ou seja, dependente de algo externo a ela para existir, marcada pela diferença, mais fácil de se identificar por aquilo que nega ser do que pelas afirmações. É neste sentido que no romance em análise as identidades são reveladas em relação à representação do sujeito tradicional versus sujeito transgressor, mas, por outro lado, também a partir do confronto entre consciente e inconsciente da personagem feminina, seus dilemas e reflexões que compõem sua alteridade.

Estamos de acordo com Tomaz Tadeu da Silva em *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (2006), quando propõe em sua discussão sobre representação e identidade que aquela não é mental ou interior, mas apresenta o que está visível, exterior e socialmente construída (SILVA, 2006). Contudo, compreendemos que os processos de reflexão assumidos pelas protagonistas coutinianas se dão na perspectiva de revelar, também, uma alteridade no sentido que aponta Luiza Lobo em “A Literatura de Autoria Feminina na América Latina” (1997), para a qual se relaciona não apenas com um outro antropológico ou filosófico que está distante, mas também pelo viés psicológico, por meio do confronto do consciente e inconsciente revelando as fissuras presentes em cada ser, passando a afirmar sua identidade, associando o que é do plano individual, interno ao plano exterior e social (LOBO, 1997).

É fato que as identidades estão em constante processo de construção/transformação como destaca Judith Butler em *Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade* (1999), ao discutir que estas não são fixas ou meramente descritivas, mas podem ser concebidas a partir do conceito de performatividade, sendo desconstruídas pelo que são, e ligadas àquilo que “tornam-se” (BUTLER, 1999). Sendo assim, está presente neste conceito a ideia de identidade como movimento e transformação, tão bem expressa na obra por meio das identidades em conflito no meio social retratado, já que se vive um processo de grandes transformações entre as décadas de 1960 e 1980, diante dos movimentos pela emancipação feminina, bem como outras conjunturas sociais. Nas palavras de Hall,

[o] sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Na concepção de Hall, o constante movimento das identidades se opera à medida que os sujeitos são interpelados ou representados, modificadas pelo dinâmico processo de identificação com as coisas e com as pessoas que circundam o sujeito. Um dos fatores que contribuem para a reflexão e o processo de afirmação identitária no romance é o retorno à cidade de origem da protagonista Sofia, Salvador. Ela que saíra daquele ambiente após romper com o marido e com sua família, deixando para trás as duas filhas, regressa e efetua uma espécie de balanço de sua vida até aquele momento, como se observa no seguinte fragmento:

Claro que poderia, se tivesse feito as necessárias concessões, diz agora a si mesma, estirada na cama, ter ficado pelo menos com alguns daqueles homens que passaram por sua vida. Se não ficou, pensa, foi porque achou preferível, de alguma forma, continuar sozinha. Por outro lado, se pôde ficar sozinha, foi porque já confiava em suas possibilidades de sobreviver com seus próprios recursos, com seu trabalho. Se não fosse assim, teria de aguentar, de ficar com um deles, mesmo contra a vontade - como fez sua mãe, como fizeram suas tias e avós, embora suportando cobranças desagradáveis, ciúmes, ranzinzices. Não aguentou, não ficou, então restou esse tesouro duvidoso, sua solidão. Que, de repente, pode transformar-se em pânico e desamparo, no escuro, com chuva. (COUTINHO, 1989, p. 29)

Este retorno à cidade natal traz à tona o desejo por uma afirmação da identidade. No romance, a cidade de Salvador já não é mais familiar, existe outra que se sobrepõe. Tanto a mulher como a cidade possuem um duplo e esta se encontra em uma crise de identidade, pois as transformações da sociedade, como as da protagonista, levam ao questionamento sobre quem ela é, como se percebe nas reflexões da personagem a seguir:

Pela primeira vez, desde que chegou, sente-se plenamente devolvida a sua interioridade, capaz de lembrar todos os acontecimentos de sua vida, mesmo os mais soterrados, como quem observa de uma distância infinita. Quem ela foi, quem vinha sendo, as muitas pessoas que é – e a relação de todas essas Sofias com a cidade que agora se superpõe estranhamente

à outra onde viveu e que carregou dentro de si, anos a fio, como punhal cravado na memória. (COUTINHO, 1989, p. 43)

Esta crise que se estabelece a partir da multiplicidade de espaços e fatores sociais é tratada por Woodward (2006) como uma das características dos sujeitos em um mundo globalizado: este processo envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, que causam mudanças nos padrões de produção e consumos que, por sua vez, trazem reflexos para as identidades (WOODWARD, 2006, p. 20). Dois são os possíveis efeitos deste movimento: o primeiro, a ideia de homogenização cultural promovida pelo mercado global; e o segundo, um movimento de resistência, que busca reafirmar identidades nacionais e locais.

A identidade individual também está passível as macro mudanças, pois cada sujeito vive no interior de diferentes instituições, nomeadas por Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2012) como “campos sociais”, como a família e o trabalho. Cada grupo social possui um conjunto de regras que limitam ou direcionam a autonomia dos indivíduos que ali se inserem, gerando conflitos entre as expectativas que possuem e as normas sociais vigentes. Neste sentido, o filósofo Julián Marías em *A Mulher no Século XX* (1981) chama a atenção para o fato de que a crise identitária não se restringe ao grupo das mulheres, mas a toda uma coletividade como um reflexo da desorientação de homens e mulheres diante das questões dos tempos modernos (MARIÁS, 1981).

Marías propõe que a questão primordial levantada no século XX se relaciona ao conceito do que é *ser mulher*, já que em outros períodos pareceu fácil tal classificação, fundamentada nas definições biológicas do sexo. Porém, ser mulher ou homem depende de uma interpretação, já que a condição do ser feminino ou masculino passou de uma certeza biológica para uma construção social, psicológica e sociológica (MARIÁS, 1981).

Tais fatos lançam luz no caráter relacional e performático das identidades que estão em movimento dentro desse recorte temporal, expressos em *Atire em Sofia*, pois a protagonista parte de suas experiências individuais e seus dilemas para refletir sobre quem é e as múltiplas mulheres que se tornou a partir dos resultados do impacto social do divórcio sobre sua vida. As escolhas de Sofia, principalmente o ato de abdicar da maternidade é bem significativo neste contexto, tendo em vista que um dos paradigmas mais incisivos em relação à imagem social de mulher em seu tempo é o ideal de esposa e mãe.

No romance, observamos a força dos aspectos sociais e culturais para a demarcação de uma identidade feminina questionada pela escrita

coutinaina, como se observa na justificativa de Sofia para o rompimento de um relacionamento estável diante do peso que as cobranças pelo exercício de um dito papel feminino lhe causavam, como notamos em:

Ter aprendido a viver sozinha talvez fosse o maior patrimônio que acumulara em quase vinte anos de Rio de Janeiro. Saber ser sozinha lhe permitira, por exemplo, deixar um homem com quem vivia há cinco anos, mesmo prevendo que aquele seria seu último casamento. Mas, sabendo ser sozinha foi embora sem olhar para trás, entre outras coisas porque ele se tornara um castrador, porque não parava de cobrar, porque fazia a toda hora perguntas como – “Quando é que você, afinal, vai assumir a cozinha?” – mesmo sabendo que ela detestava isso. (COUTINHO, 1989, p. 13)

É expressivo o fato de a protagonista se posicionar como inábil, indisposta para o exercício das tarefas domésticas, indicando um questionamento dos papéis rígidos tradicionais que atribuem à mulher os deveres do lar. Contudo, tal posicionamento somente é possível com a conquista da independência financeira, como afirma em: “Por outro lado, se pôde ficar sozinha, foi porque já confiava em suas possibilidades de sobreviver com seus próprios recursos, com seu trabalho” (COUTINHO, 1989, p. 29).

Vale ressaltar que a temática do casamento e da maternidade são recorrentes nas produções literárias de Sônia Coutinho e integram parte significativa no processo de questionamento sobre o papel da mulher e sua identidade representadas no romance. O percurso da protagonista Sofia, sua solidão, seu castigo, parte de sua ruptura com a família tradicional, a interrupção de seu casamento e o abandono do papel de mãe pela busca do prazer a partir de uma sexualidade livre. Para Sofia, seu primeiro casamento representava uma situação que a prendia aos modelos impostos por sua família, que já não a satisfazia. Sendo assim, quando seu romance com o amante foi descoberto pelo marido, nem questionou: aceitou logo a separação e deixou com ele as duas filhas. Justifica-se Sofia:

Sinto necessidade de me justificar outra vez, como venho fazendo há anos, de dizer que aquela era minha chance, se não tivesse saído naquele momento seria tarde demais, era o prazo limite para escapar daquele esquema sufocante, para tentar

conhecer a vida fora da redoma da minha família, viver uma experiência mais ampla, integral. (COUTINHO, 1989, p. 28)

No trecho citado, a protagonista sente necessidade de refletir e se justificar após um encontro mal sucedido com as filhas. Como forma de convencer, talvez, o leitor, escreve uma longa carta para um amigo, na qual esclarece como se sentia no casamento e em relação à maternidade. Contudo, reconhece que seu maior desejo era ser inteiramente livre, levando à compreensão de que não estava disposta, inclusive para a maternidade.

Simone de Beauvoir (1949), em *O Segundo Sexo*, trata da importância assumida pelo casamento na formação da subjetividade das mulheres, para a qual este é o destino que a sociedade tradicionalmente propõe para elas. Ainda de acordo com Beauvoir, o casamento assume tal papel pela compreensão social que coloca a mulher em uma posição de fútil e frágil, necessitada dos cuidados e proteção masculina (BEAUVOIR, 1980).

Na mesma linha, a maternidade pode ser vista como um dos elementos que reforçam o caráter social e utilitário do casamento e da própria condição de mulher. A força de tais parâmetros históricos e sociais levam a protagonista a manifestar, em certo ponto, o sentimento de culpa em relação ao seu papel de mãe, ficando oscilante entre a necessidade de cumprimento do seu “dever” materno e a busca por seu desejo individual, como se vê em um trecho da carta que escreve a um amigo após o reencontro com as filhas, ao retornar a Salvador: “No seu caso, teria alguma razão? Será que, em certa medida, não está mentindo, não desejava também, o tempo todo, sentir-se inteiramente livre e disponível? Não tem resposta” (COUTINHO, 1989, p. 28).

As dúvidas levantadas por Sofia em relação ao distanciamento das filhas, como seria possível supor, deixam de ser apenas fruto do rompimento com o marido e passam, talvez, a se expressar como condição necessária para que Sofia pudesse aprender a dizer “eu sou”, “eu quero”. Acrescentamos que apesar do referido sentimento de culpa por parte da protagonista, em outros momentos ela não se refere às filhas ou diz amá-las, suas reflexões parecem se situar mais em relação ao plano social, aos elementos que ditam o padrão de maternidade, do que realmente um desejo genuíno de executar o papel de mãe.

No período que compreende o final do século XIX e início do século XX no Brasil, a reprodução atuou como uma das marcas do feminino, fortalecendo o sistema de poder que subordinava as mulheres aos homens. Logo, a mãe passou a ser um modelo ideal de mulher, dentro do casamento, sendo que as mulheres que contrariavam tal perspectiva, seja por impossibilidade genética de gerar ou por escolha, perdiam sua inteligibilidade

social. A maternidade enquadrava a mulher dentro do conjunto de quesitos do feminino adequado e socialmente aceito. Nesta mesma linha, Elisabeth Badinter, em *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno* (1985), afirma que o amor materno não está necessariamente inscrito na chamada natureza feminina, mas tal preceito não passa de uma construção social, fortalecida pela literatura, especialmente a partir da publicação de *Émile*, em 1762, por Rousseau (BADINTER, 1985).

Partindo dos pressupostos de Badinter, compreendemos que a afetividade dentro da maternidade se constrói a partir da interação entre os sujeitos. Neste sentido, quando presenciamos a tentativa de reaproximação de Sofia com as filhas e sua posterior relutância sobre as verdadeiras motivações para tal, estamos diante de uma mulher que se movimenta por uma influência ideológica cultural, reforçando o que chamamos anteriormente de crise do feminino.

Pensando tais questões no campo da literatura, explica-nos também Cíntia Schwantes, ao analisar os reflexos da sociedade na representação do feminino no texto “Espelho de Vênus: questões da representação do feminino” (2002), que é por meio do texto literário que encontramos sinais sobre a sociedade e seus grupos, sendo um veículo de disseminação de suas crenças e ideologias. Apresenta também, no que se refere à mulher, os modelos ditos a serem seguidos ou evitados (SCHWANTES, 2002). Dessa forma, a representação da mulher em relação a conceitos como os de casamento e maternidade, como discutidos por Badinter, também são considerados por Schwantes como uma construção social, ou seja, uma representação ligada ao conceito de mundo ou de si, adquiridos ou interpretados a partir de objetos reais.

Em outro texto intitulado “Dilemas da Representação Feminina” (2006), Schwantes afirma que “a representação consiste em despir um objeto do que lhe é acessório e conservar o que é essencial, de modo que ele possa corresponder a todos os objetos daquele tipo” (SCHWANTES, 2006, p. 11). Sendo assim, existe um movimento subjetivo de quem determina o que é acessório e o que é essencial, cabendo à literatura trazer a representação de acordo com a visão do autor e de cada período histórico. Neste sentido, encontramos na literatura contemporânea o lugar da mulher tradicional, submissa, cedendo espaço para as liberadas e independentes, como as representadas por Sônia Coutinho.

Neste âmbito, o romance também retrata a vida de Milena, filha de Sofia, uma jovem de 19 anos que se sente marcada socialmente por ser filha de uma mulher separada. Contudo, ela não deseja desvencilhar sua imagem deste estigma social, pelo contrário: pretende afirmá-lo por meio de um comportamento transgressor aos padrões ditados pelo pai e a avó. Sendo

assim, afirma sua origem negra, deixando de alisar o cabelo e assumindo um penteado em estilo *black power*, além de engatar um namoro com um jovem negro, Tetu, contrariando totalmente o desejo de branqueamento apregoado pela família. Apesar da postura assumida por Milena, a jovem apresenta um bloqueio sexual: “Tem 19 anos, um namorado negro e lindo, com longos cabelos em mechas, ao estilo rastafári, com quem desfila à beira-mar em seu MP amarelo, capota abaixada, todo fim de tarde de verão — e não consegue deixar de ser virgem” (COUTINHO, 1989, p. 37).

Vemos que, por meio da crise entre o que era e a imagem que gostaria de transparecer, Milena começa efetivamente sua jornada para se descobrir e afirmar uma identidade até o momento vivida apenas no plano ideal. Perpetuar uma imagem rebelde e transgressora é o objetivo da jovem. Para ela, esta é sua vingança contra “a marca que a cidade lhe impôs — continuará sempre sendo a ‘filha de Sofia’, uma ‘mulher perdida’” (COUTINHO, 1989, p. 38). Observamos, assim, que a consciência da personagem sobre a projeção social é bem clara, não se atendo à imagem transgressora apenas por causa da leitura social que lhe é imposta, mas se assumindo tal como forma de confrontar os valores tradicionais de seu tempo.

Em uma sociedade em que a experiência masculina é valorizada de maneira muito superior à feminina, a voz da mulher acaba sendo silenciada ou remetida a um espaço trivial. Por isso, as conquistas que legaram à mulher um novo papel social são de grande importância para a compreensão da representação que é feita por meio da autoria feminina.

Observando o percurso literário de Coutinho, podemos destacá-la como uma autora empenhada em uma escrita feminista, pois, conforme Lobo (1997), tal vertente apresenta um ponto de vista da narrativa em que o sujeito da enunciação é consciente de seu papel social, posicionando-se contra aquilo que a sociedade cerceia ou impede que a mulher desenvolva (LOBO, 1997, s.p.). Com vistas a isto, Lobo observa que algumas autoras brasileiras como Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Helena Parente Cunha, Patrícia Bins, Heloísa Maranhão, Sonia Nolasco e Sônia Coutinho são representativas do discurso feminista. Para a estudiosa, estas autoras buscam na tragédia individual urbana uma leitura do imaginário feminino de seu tempo, apontando suas crises existenciais, sociais, financeiras e, principalmente, demonstram os aspectos que se opõem em relação ao patriarcalismo e à ordem estabelecida. Assim, empreendem um caminho para romper com as estruturas da sociedade falocêntrica e patriarcal.

Tais aspectos apontados por Lobo (1997) denotam claramente a perspectiva adotada por Sônia Coutinho em suas produções e particularmente no romance *Atire em Sofia*, já que, como mencionado, sua protagonista

transita em ambientes urbanos, imersa em transformações sociais que afetam diretamente sua vida, levando-a a uma crise existencial, o que conduz à busca por uma afirmação de sua identidade enquanto sujeito feminino.

Informados do posicionamento crítico de Coutinho em relação à sociedade em que está inserida e aos discursos nela produzidos, compreendemos que sua escrita feminista é de suma importância para endossar o rol de produções de autoria feminina no Brasil, que levam as questões de representação e identidade para além do âmbito restrito do discurso masculino. Estas produções estão preocupadas em apresentar o discurso do lugar de mulher e sob a voz de mulheres, constituindo como textos engajados politicamente com as questões das mulheres em seu tempo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

COUTINHO, Sônia. *Atire em Sofia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COUTINHO, Sônia. *Do herói inútil*. Salvador: Edições Macunaíma, 1966.

COUTINHO, Sônia. *Nascimento de uma mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

COUTINHO, Sônia. *O caso de Alice*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

COUTINHO, Sônia. *O jogo de Ifá*. São Paulo: Ática, 1980.

COUTINHO, Sônia. *O último verão de Copacabana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

COUTINHO, Sônia. *Os seios de Pandora: uma aventura de Dora Diamante*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COUTINHO, Sônia. *Os venenos de Lucrecia*. São Paulo: Ática, 1978.

COUTINHO, Sônia. *Uma certa felicidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. v. 6, 2006.

LAURETIS, Teresa de. “A Tecnologia do Gênero”. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241

LOBO, Luiza. “A literatura de autoria feminina na América Latina”. *Revista Brasil de Literatura*. Rio de Janeiro, 1997, Ano I. Disponível em: <http://lfilipe.tripod.com/Llobo.html>. Acesso em 05 de jan. 2017.

MARIÁS, Julian. *A Mulher no Século XX*. São Paulo: Convívio, 1981.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. *As filhas de Pandora: imagens da mulher na ficção de Sonia Coutinho*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. *OP SIS - Revista do NIESC*. Catalão, v. 6, 2006. Disponível em: <[revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/download/9308/6400](http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/download/9308/6400)>. Acesso em: 24 dez. 2018.

SCHWANTES, Cíntia. Espelho de Vênus: questões da representação do feminino. Disponível em: <<http://www.mulheraliteratura.ufsc.br./index1.htm>> Acesso em: 27. set. 2018.

SOUZA, Eliane Levi de. Uma escritora fala da perplexidade feminina. [27 jun. 1985]. Rio de Janeiro: *O Globo*. Entrevista concedida a SC.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomas Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. v. 6, 2006.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Revista Mulheres e Literatura*. s/d, v. 3, 1999. Disponível em: <http://litcult.net/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/>. Acesso: 21 jun.2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003.

Data de recebimento: 31 dez 2018

Data de aprovação: 10 maio 2019